

INCLUSÃO EFETIVA DOS ALUNOS AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Ana Cristina Almeida De Lima

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: crisquitandela@gmail.com.br)

Franciane Silvia Souza De Mendonça

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: francianemendonca964@gmail.com.br)

Simone Pereira de Oliveira Azambuja

Orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: simoneazambuja@yahoo.com.br)

RESUMO

O autismo é um transtorno global no desenvolvimento, uma alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo. De tal modo, abordar este tema é de fundamental importância visto que o desempenho da criança com autismo depende da motivação dos profissionais professores em parceria com a família. Por intermédio de ações pedagógicas que levam ao máximo potencial do autista. Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica este trabalho teve por objetivo conhecer estratégias utilizadas pelos educadores para o ensino e inclusão de alunos autistas no ambiente escolar, ademais, buscou-se conhecer sobre o autismo e suas características e identificar os desafios educacionais enfrentados pelos professores em relação à criança autista em sala de aula.

Palavras chaves: Autismo. Educação. Inclusão.

AUTISTIC STUDENTS' EFFECTIVE INCLUSION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT

Autism is a global developmental disorder, an alteration that affects an individual's ability to communicate. This way, addressing this theme is of fundamental importance since the child performance with autism depends on the teacher's professional motivation in partnership with the family. Through pedagogical actions that lead to the maximum autistic potential. Therefore, through a bibliographic research, this article aimed to know strategies used by teachers for the teaching and inclusion of autistic students in the school environment, we sought to know about autism and its characteristics and identify the educational challenges faced by teachers concerning to autistic child in the classroom.

Keywords: Autism. Education. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, sendo que, em crianças, é mais comum que o câncer, a AIDS e o diabetes. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Consoante, devido ao aumento de casos de crianças autistas, a abordagem desse tema tornou-se necessária, uma vez que a falta de conhecimento sobre tal realidade acarreta não só aos apoios de alunos autistas, mas também, à toda a equipe escolar. Já que uma das maiores dificuldades enfrentadas pela equipe escolar é a estrutura da escola e métodos que devem ser utilizados para que a criança autista se socialize e consiga acompanhar a grade curricular exigida.

Ademais, há docentes que não estão preparados para lidar com a realidade de alunos autistas, seja pelo preconceito ou pela falta de conhecimento sobre como lidar com crianças com espectro autismo. Além disso, a falta de capacitação do professor em lidar com as diversidades, dificulta ainda mais o processo de aprendizagem do indivíduo autista.

Este estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, com intuito de conhecer quais as estratégias podem ser utilizadas pelos professores para educar e incluir os alunos com espectro autismo. Assim, buscou-se primeiramente conhecer sobre o autismo e suas características, como, conceitos, diagnóstico e tratamento. Em seguida, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre quais os desafios educacionais são enfrentados pelos professores no ensino e na inclusão da criança autista, uma vez que a comunicação e a interação social são as áreas mais prejudicadas no autismo. Sem deixar de fora as potencialidades destes indivíduos, uma vez que o autismo não segue um padrão de sinais e sintomas.

E por fim, buscou-se identificar quais as melhores estratégias e/ou mais eficientes para educar e incluir as crianças autistas em sala de aula. Pois a Educação Inclusiva propõe que os alunos com dificuldades cognitivas ou psicossociais sejam educados em escolas regulares. Uma vez que a aprendizagem sempre ocorre em grupo, seja na relação professor/aluno, seja no grupo de trabalho formado por

estudantes com diferentes níveis de conhecimento em relação aos conteúdos e procedimentos que se pretende transmitir em sala de aula.

2 CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

De acordo com a Classificação Internacional de Doença (CID 10), o autismo é um transtorno global do desenvolvimento (TGD) e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). Acompanha várias manifestações comuns do transtorno como: birra ou autoagressividade, fobias, perturbação do sono ou alimentação. Apresentando-se em estado puro ou associado a outras patologias. Caracterizado em oito tipos de TGD - Autismo Infantil, Autismo Atípico, Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno com Hipercinesia associada a Retardo Mental e Movimentos Estereotipados, Síndrome de Asperger, Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento, Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outras Especificações (BRASIL, 1998).

Além disso, autismo, palavra originada do Grego *autos*, quer dizer, em si mesmo. O autismo é uma disfunção do desenvolvimento humano, cujos distúrbios costumam aparecer antes dos 3 (três) anos de idade e os sintomas estão geralmente relacionados às dificuldades desses indivíduos de comunicação e de interação com os outros e com o ambiente vivido.

A primeira descrição clínica do autismo infantil foi realizada pelo pediatra Leo Kanner, em 1943, baseado nas observações feitas com um grupo de doze crianças que demonstravam os mesmos sintomas de difícil socialização e uma obsessiva preservação da rotina.

Estudos comprovam que este transtorno pode atingir a qualquer indivíduo, independentemente de sua classe social, cultural, raça ou etnia. O autismo é uma síndrome que vem se tornando cada vez mais comum na atualidade. No entanto, dificilmente esta síndrome é identificada antes dos três anos, pois os sintomas não são claros antes desta época, eles geralmente são caracterizados por: ausência de fala, intolerância a sons, dificuldade de se socializar (BAPTISTA; BOSA, 2002).

Embora o autismo seja um problema médico, não existe ainda atualmente, um teste. O diagnóstico é feito com base na observação do comportamento e testes educacionais/psicológicos. O *American Psychiatric Association's Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* [Manual de Diagnóstico e Estatístico dos

Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria] é a principal referência de diagnóstico usada pelos profissionais de saúde mental e pelos órgãos de saúde dos Estados Unidos.

O autismo é uma condição que reflete alterações no neurodesenvolvimento de uma pessoa, causando grande prejuízo na sociabilidade, ou seja, é uma síndrome neuropsiquiátrica, caracterizada por um conjunto de sinais clínicos. Já o espectro autista está relacionado à dificuldade de desenvolver competências e habilidades na criança (BORDINI; BRUNI, 2014).

O autismo refere-se a um conjunto de características que podem ser encontradas em pessoas afetadas dentro de uma gama de possibilidades que abrange desde distúrbios sociais leves sem deficiência mental, até a deficiência mental severa. Na primeira infância, os quadros de autismo, em diferentes graus, são incríveis e extremamente semelhantes, confundindo profissionais experientes, tanto no sentido de subestimar como superestimar as habilidades dessa criança (FURTADO, 2003).

As características do autismo geralmente duram a vida toda de uma pessoa, embora possam mudar consideravelmente ao longo do tempo e segundo as intervenções. Concomitante, um indivíduo, levemente afetado pode parecer apenas peculiar e levar uma vida normal. Uma pessoa severamente afetada pode ser incapaz de falar ou de cuidar de si mesma. Uma intervenção precoce e intensiva pode fazer diferenças extraordinárias no desenvolvimento e no resultado de uma criança. Esta descrição dos sintomas sociais, dificuldades de comunicação (MANUAL PARA AS ESCOLAS, 2011).

Segundo Baptista e Bosa (2002), após o diagnóstico do transtorno autístico é necessário que o processo de tratamento seja logo inserido no cotidiano da criança, considerando as características individuais de cada sujeito, bem como suas necessidades específicas. Em alguns casos, medicamentos são inseridos ao tratamento, em outros, não possui efeito algum, sendo prejudicial no desenvolvimento da criança. É necessário também um acompanhamento e tratamento especializado com a família, pois os sintomas que a criança desenvolve através deste transtorno podem desestruturar psicologicamente os membros familiares.

Assim, todas essas características devem trabalhadas em sala de aula com naturalidade pelo professor, favorecendo formas de o aluno se comunicar sem apresentar essas oscilações de comportamentos. O professor que consegue entender

essas oscilações, consegue desenvolver uma aula de forma mais dinâmica e divertida a todos os alunos, garantindo assim um processo de ensino com aprendizagem de qualidade.

2.1 Desafios educacionais com crianças autistas

São vários os desafios enfrentados pelas escolas, uma vez que precisam estar preparadas para inserirem no ambiente escolar a criança com Necessidades Educacionais Especiais. Ou seja, a escola deve apresentar uma estrutura e ajustar o que está previsto no currículo para as crianças atípicas. Garantindo a elas uma educação de qualidade e um processo de ensino – aprendizagem eficiente (BRITES, 2019).

Vygotsky (1989) enfatiza que as diferenças encontradas nos mais diversos ambientes sociais da criança promovem variedade de aprendizagem e as relações interpessoais são essenciais para o processo de desenvolvimento. Neste sentido, os estudantes que apresentam autismo têm suas próprias maneiras de adquirir aprendizagem e conquistas, no mundo em que vivem, apesar de muitas vezes incompreensível. Logo, o modo como são estabelecidas as relações sociais, sejam elas no contexto escolar ou familiar, irão influenciar de forma direta na formação e constituição da criança com autismo. Vale ressaltar que este sujeito tem direito à educação, de frequentar um ambiente escolar regular e de interagir com outro.

A dificuldade de socialização é à base da tríade de sintomas do funcionamento autístico. Sabemos que o ser humano é, antes de tudo, um ser social. Busca, desde pequeno, fazer amigos, agregar pessoas a sua volta e dividir momentos e experiências. É através da socialização que o indivíduo aprende as regras e os costumes da sociedade em que habita. No entanto, a criança autista apresenta grande dificuldade nesse processo de sociabilização (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Crianças com autismo são mais lentas em aprender a interpretar o que os outros estão pensando e sentindo. Sinais sociais sutis, como um sorriso, um piscar de olhos, ou uma careta, podem ter pouco significado. Para uma criança que perde esses sinais, um "Venha aqui" sempre significa a mesma coisa que quando alguém está sorrindo e estendendo os braços para um abraço ou franzindo a testa e colocando os punhos nos quadris. Sem a habilidade de interpretar gestos e expressões faciais, o mundo social pode parecer desconcertante. Para agravar o problema, as pessoas

com autismo têm dificuldade de enxergar as coisas da perspectiva de outra pessoa. Crianças com mais de 5 anos entendem que outras pessoas têm informações, sentimentos e objetivos diferentes dos que elas têm. Para uma pessoa com autismo, falta tal entendimento. Esta dificuldade deixa-os incapazes de prever ou compreender as ações de outras pessoas (MANUAL PARA AS ESCOLAS, 2011).

Os autistas apresentam apego pela rotina e dificuldade de lidar com mudanças repentinas de horários e lugares. Em relação aos comportamentos associados, há alterações dos sentidos (tato, visão, audição, olfato), hipersensibilidade auditiva, hipersensibilidade tátil, dificuldade em aceitar alguns alimentos, alterações no sono, automutilação, oscilações de calma e agitação, entre outros comportamentos (MELLO, 2003).

De acordo com o Manual para as Escolas (2011), algumas pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), podem também apresentar habilidades incomuns que permitem em muitos casos, superar outras áreas de déficits, por exemplo: forte destreza visual, facilidade de entender e reter alguns conceitos, regras e sequências; excelente memória para detalhes ou fatos mecânicos; memória de longo prazo; capacidade em informática, habilidades tecnológicas ou interesse musical; intensa concentração ou focalização especialmente em áreas de atividade preferidas; habilidades artísticas, matemáticas e a honestidade.

O autismo e TID (Transtornos Invasivos do Desenvolvimento) são rótulos usados para crianças que exibem certos tipos de déficits e excessos comportamentais e de desenvolvimento. Por isso, para ajudar nossas crianças a aprenderem e progredir psicomotoramente é necessário se dedicar a alguns dos desafios específicos como, desenvolver a questão da linguagem, comunicação, habilidades sociais, processamento visual e auditivo e comportamento de auto-estimulação (LEAR, 2004).

Devido a isso, o ambiente escolar simula aspectos da realidade da sociedade, onde se impõe rotinas, horários, oportunidades constantes de interação social (imitação, compartilhamento, reciprocidade, atenção social), frustrações, aquisição de diversos tipos de linguagens, hierarquias, processos de ensino-aprendizagem de leitura, escrita, matemática e atividades físicas com estimulação motora e espacial. Desenvolvendo assim o aluno globalmente (BRITES, 2019).

No contexto educacional, percebe-se, que muitos professores que atuam no processo de escolarização junto às crianças com autismo, ainda demonstram insegurança devido ao desconhecimento desta síndrome. Por este motivo, é

necessário que o educador repense a sua formação para que possa construir uma nova concepção de ensino aprendizagem na mediação pedagógica. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994) é preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adotada uma formação inicial não categorizada, abarcando todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas.

Cunha (2002) afirma que para oferecer a uma criança autista a vontade de aprender, é preciso entrar em sintonia com ela, inserindo o que seria adequado à sua forma de se expressar. Fazer o que ela está fazendo é um bom início para estabelecer uma comunicação, criando uma sintonia para outras possibilidades.

Sendo assim é necessário avaliar todos os pontos fracos e fortes do aluno autista, para que possa ser tirado como proveito suas habilidades e transformar seu ambiente de aprendizagem, com novidades e atrativos do seu interesse. Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012), com o tempo a criança desenvolve seus próprios instrumentos para manter relações e aprendizagem, se tornando cada vez mais hábil, socialmente.

Baptista e Bosa (2002), descrevendo a percepção dos professores sobre a inclusão de alunos autistas, alertam para as noções, um tanto distorcidas, sobre o que significa basicamente o termo autismo, assim como o trabalho com essas pessoas. Dessa maneira, podemos destacar as seguintes dificuldades do trabalho com crianças autistas: dificuldades na compreensão da linguagem autista, dificuldades em compreender o significado dos rituais, ausência de domínio da agressividade expressa pelo aluno, sentimento de insegurança por parte do educador, dúvidas com relação às práticas pedagógicas que deverão ser empregadas e a falta de uma estrutura devidamente preparada para lidar com esses alunos. Essa estrutura refere-se à utilização de materiais didáticos, recursos audiovisuais, publicações científicas, espaço físico e outros recursos que poderiam incrementar a qualidade do ensino. A maior dificuldade dos educadores, entretanto, seria com relação à identificação do aluno com autismo e também com a falta de preparo e especialização.

Nota-se, também, a necessidade de os profissionais envolvidos na área da educação trabalharem com ações motivadoras junto aos seus alunos autistas, tais como: proporcionar confiança e interesse através de um bom acolhimento, oferecer

carinho, cuidado e atenção necessária, oportunizar um local de confiança para se expressar e interagir com o meio. Neste sentido, Silva, Gaiato e Reveles (2012, p.114), nos diz que “[..] o professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área, com amor, dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança autista”.

São inúmeros os desafios enfrentados ao se desenvolver um trabalho educacional com crianças autistas, havendo, sem dúvida, nenhuma a necessidade de se conhecer as características, limitações e potencialidades de cada criança. Uma vez que, o autismo não segue um padrão de sintomas. Apenas depois de ter conhecimento suficiente, será possível escolher as melhores estratégias educacionais a serem utilizadas.

2.2 Estratégias educacionais para o trabalho com crianças autistas em sala de aula

O indivíduo com espectro autista possui sérias dificuldades de ingressar no ambiente escolar. E essas dificuldades fazem parte da rotina dos professores. Por isso, para melhorar a adaptação é necessário diminuir as contingências trazidas pela criança, para assim, promover o processo de aprendizagem e adaptação do currículo ao aluno. Essas adequações curriculares têm por objetivo flexibilizar e viabilizar melhores acessos às diretrizes estabelecidas pelo currículo regular, tornando-a mais dinâmico e alterável, passível de aplicação, para que haja um processo de adaptação para o aluno com espectro (KHOURY et al., 2014).

Coll et al. (1995) propõe que o tratamento mais eficaz e universal do autismo é a educação. Esta atividade educativa tem, no final das contas, os mesmos objetivos que tem em relação a todas as crianças: desenvolver ao máximo suas potencialidades e competências, favorecer um equilíbrio pessoal mais harmonioso possível, fomentar o bem-estar emocional e aproximar as crianças autistas do mundo humano de relações significativas.

O docente deve criar uma rotina de atividades a seu aluno, para desenvolver competências e habilidades à criança autista. Além disso, o ambiente também é muito importante, uma vez que em lugares muito barulhentos, o discente desencadeia crises de comportamento, deixando-o desorientado e desconfortável. Sabendo disso, o docente aos poucos deve preparar seu aluno para situações adversas, de maneira

que ele entenda e aceite as dificuldades gradativamente. Caso o aluno entre em crise, é necessário que o professor o retire imediatamente do ambiente ao qual está inserido (MONTE, 2004).

Para Bordini e Bruni (2014) o professor deve entender a individualidade do aluno, e saber que seu aluno não é uma “folha em branco”, ele já apresenta costumes e comportamentos moldados em casa. Por isso, o docente não deve fazer comparações. Outro fator importante é, a preocupação do professor de “conquistar” seu aluno. Mas, para que isso ocorra, é necessário utilizar metodologias que apresentem uma linguagem adequada com o aluno, garantindo um processo de aprendizagem mais efetivo.

O professor deve se atentar ao interesse que o aluno tem em relação aos jogos e músicas, tornando a relação dele com os colegas de sala mais interessante. E se o aluno está interessado e inserido num grupo social, o seu processo ensino-aprendizagem torna-se mais efetivo. Por isso, é necessário que o docente esteja diariamente tendo contato com a família desse aluno, entendendo a dinâmica e estrutura familiar do discente. Isso ajudará o professor a fazer com que esse aluno permaneça em sala de aula por mais tempo (MONTE, 2004).

Outra maneira de desenvolver as ações pedagógicas pode ocorrer através de jogos previsíveis e de raciocínio lógico (do lúdico). A maioria das pessoas com autismo também se comunicam muito através dos desenhos e pinturas. No entanto, é importante que o interesse de cada pessoa seja pesquisado, antes mesmo da mediação pedagógica, pois concordando com Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 117),

[...] procure saber quais são os maiores interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele se sinta mais estimulado a aprender, além de melhorar o vínculo entre o aluno e o professor. Sempre que possível utilize o máximo de material visual ou concreto, mostre figuras e gravuras no decorrer das explicações, e proporcione aos alunos vivências práticas, em que ele possa experimentar as coisas [...].

Segundo Brites (2019) a música, a leitura, a escrita e o desenho são formas de o aluno se manifestar e demonstrar o que está sentindo e aprendendo. Portanto, o professor deve sempre avaliar seu aluno pelo que ele está conseguindo realizar dentro do seu próprio limite, ou seja, o docente não deve comparar nenhum aluno com outro.

Para Silva, Gaiato e Reveles (2012), as maiores dificuldades dos professores com alunos autistas em sala de aula regular, referem-se à comunicação,

compreensão da fala e dos sentimentos e vontade desse aluno. Sendo assim, ao se dirigir à criança, o professor deve se colocar à sua altura, para estabelecer o contato visual (olho no olho). Assim, o educador pode despertá-lo e trazê-lo de volta a explicações e orientações, aumentando a chance que ele compreenda este processo.

As perguntas devem ser diretas, claras, objetivas, com vocabulário simplificado. Porém, a formação do educador ocorre na prática e o principal instrumento é conhecer o aluno autista e suas peculiaridades e identificar através das observações diretas qual o grupo e quais as metodologias que melhor atenderá as individualidades de cada sujeito.

Para Galvão Filho (2002), a tecnologia é um recurso que proporciona autonomia, para o processo de aprendizagem, já que as limitações físicas ou sensoriais tendem a tornar-se um obstáculo para o processo de aprendizagem da pessoa com deficiência.

Seabra e Mendes (2009, p. 1), também destacam a importância da acessibilidade dos alunos com deficiência aos recursos tecnológicos da escola e os benefícios que estes trazem à autonomia destes sujeitos. Todavia, ao fazer referência à inclusão escolar, as referidas autoras, reconhecem: “Colocar um aluno com deficiência numa sala de aula sem oferecer recursos que possibilitem que ele enfrente as diferentes situações de forma funcionalmente competente pode não ser suficiente”.

Galvão Filho (2002), destaca que no contexto da educação inclusiva existe um número incontável de possibilidades, de recursos simples e de baixo custo, que podem e devem ser disponibilizados nas salas de aulas inclusivas, e que a disponibilidade e adaptação podem ser bastante simples e artesanais, às vezes arquitetados por seus próprios professores. No âmbito da educação de autistas, estes recursos têm ganhado espaço, por influenciar positivamente na aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Dentre estes, podemos citar os recursos que são construídos, de formas artesanais até os mais sofisticados, como, tablets, Ipdes, softwares, aplicativos e os auxílios externos amplamente utilizados na área da Comunicação Alternativa.

Para Bersch e Sartoretto (2017, p. 1). “Comunicação Alternativa é uma área da tecnologia assistiva, que se destina especificamente à ampliação de habilidades de comunicação”. Segundo estas autoras, o objetivo da Comunicação Alternativa é auxiliar, pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou defasagem comunicativa em habilidade de falar ou escrever.

Seus escritos também fazem referências, a auxílios externos, a partir de outros canais de comunicação diferentes da fala como; os gestos, sons, expressões faciais e corporais, cartões de comunicação, pranchas alfabéticas, vocalizadores, computadores e softwares específicos para ampliar ainda mais o repertório comunicativo que envolve habilidades de expressão e compreensão.

Smith (2008) declara que as pessoas com autismo normalmente não precisam de apoio da alta tecnologia, em vez disso, a tecnologia útil aos autistas na maioria dos casos são simples e de baixo custo. Um dos recursos utilizados e amplamente conhecido no mundo inteiro, são os materiais e cartões com elementos representativos de imagens e figuras, denominados de PCS – (Símbolos de Comunicação Pictórica). O PCS é uma técnica de intervenção criada pela fonoaudióloga estadunidense Roxanna Mayer Johnson, em 1980. Esta técnica de comunicação utiliza desenhos simples de fácil reconhecimento, facilmente combináveis e úteis para criação de atividades educacionais. O sistema de símbolos PCS geralmente é aplicado na intervenção de Autistas com graves atrasos na fala e grandes comprometimentos na área da linguagem.

Segundo o Manual para as Escolas (2011) é importante para as escolas avaliar as intervenções prospectivas para o aluno de forma individualizada, bem como manter em mente a necessidade de utilizar evidências baseadas em métodos e estratégias. O referido manual traz algumas das intervenções educacionais especiais geralmente usadas em indivíduos com autismo:

- Ensino de Tentativas Discretas (DTT) ou o Modelo de Lovaas: Chamado em homenagem ao seu Professor pioneiro (baseado na ABA), DTT Dirigir as habilidades e comportamentos com base em um currículo estabelecido. Cada habilidade é dividida em pequenos passos, e ensina usando lembretes que são gradualmente eliminados como as etapas são dominadas. São dadas à criança repetidas oportunidades para aprender e praticar cada passo em uma variedade de configurações. Cada vez que a criança atinge o resultado desejado, recebe um reforço positivo, como o elogio verbal ou algo que a criança considera altamente motivador.
- Floortime, ou Modelo de Diferenças de Relacionamento (DIR): A premissa de Floortime é que um adulto pode ajudar a criança a expandir seus círculos de comunicação por conhecê-lo ao seu nível de desenvolvimento e construção de seus pontos fortes. A terapia é, muitas vezes, incorporada às atividades lúdicas - no chão - e concentra-se no desenvolvimento do interesse no mundo, da comunicação e do pensamento emocional, seguindo a liderança da criança.
- Sistema de Comunicação por trocas de Figuras (PECS): Um sistema de aprendizado que permite crianças com pouca ou nenhuma habilidade verbal comunicar-se através de figuras. Um adulto ajuda a criança a construir um vocabulário e articular desejos, observações ou sentimentos pelo uso de figuras e começar por ensinar à criança como trocar a figura por um objeto. •

Eventualmente, o indivíduo é ensinado como distinguir entre as imagens e símbolos e usá-las para formar frases. Embora o PECS seja baseado em ferramentas visuais, reforço verbal é um componente importante e comunicação verbal é incentivada.

- Tratamento de Resposta Pivotal (PRT) (Baseado na ABA), a PRT é uma intervenção dirigida à criança que se concentra na crítica, ou comportamentos "pivotalis" que afetam uma grande variedade de comportamentos. Os comportamentos pivotais primários são motivações e iniciações da criança de comunicações com os outros. O objetivo da PRT é produzir mudanças positivas nos comportamentos centrais, levando à melhoria na comunicação e nos comportamentos sociais além da capacidade da criança para monitorar seu próprio comportamento. Intervenção Criança-dirigida.
- Intervenção de Desenvolvimento de Relacionamento (RDI) RDI procura melhorar a qualidade do indivíduo em longo prazo da vida, ajudando-o a melhorar as habilidades sociais, adaptabilidade e autoconhecimento através de uma abordagem sistemática para a construção emocional, habilidades sociais e relacionais.
- Suporte de Comunicação/Regulação Emocional /Transacional Social (SCERTS) O SCERTS utiliza práticas de outras abordagens (PRT, TEACCH, Floortime e RDI), e promove na criança-iniciada comunicação em atividades diárias e a capacidade de aprender e aplicar as habilidades funcionais de forma espontânea e relevante em uma variedade de configurações e com uma variedade de parceiros. O Modelo SCERTS favorece o aprendizado com e de crianças que fornecem bons modelos sociais e de linguagem em contextos inclusivos, tanto quanto possível.
- Treinamento e Educação de Autistas e Comunicação Relacionada de Crianças Deficientes (TEACCH) OTEACCH é um programa de educação especial usando Ensino Estruturado, um processo destinado a capitalizar a força relativa e a preferência pelo processamento da informação visual em indivíduos com autismo, considerando as dificuldades reconhecidas. Avaliação individualizada e planejamento são usados para criar um ambiente altamente estruturado (organizado com apoio visual) para ajudar o mapeamento individual de atividades e trabalhar de forma independente.
- Comportamento Verbal (VB) (Baseado no ABA) O VB emprega pesquisas comportamentais específicas sobre o desenvolvimento da linguagem e é projetado para motivar uma criança a aprender a falar pelo desenvolvimento de uma conexão entre uma palavra e seu valor (MANUAL PARA AS ESCOLAS, 2011, p. 34).

Nota-se que o lúdico é bastante necessário para o desenvolvimento social, emocional e psicomotor da criança, tornando-o capaz em viver em sociedade, respeitando sempre o espaço e o limite dos outros.

2.3 Estratégias de inclusão da criança autista no ambiente escolar

A participação de crianças com deficiência no ambiente de educação geral é muitas vezes referida como integração ou inclusão. Inclusão não significa que uma criança com necessidades especiais deva ser colocada em um ambiente de educação geral, apenas como um aluno típico, uma variedade de suportes de educação especial deve ser fornecida para criar um ambiente de sucesso e experiência para todos os envolvidos na inclusão.

Um planejamento cuidadoso é essencial, e muitas vezes é necessário para fornecer modificações ou acomodações bem como a formação a fim de situar com sucesso uma criança com deficiência no ambiente menos restritivo. Estes apoios podem incluir o fornecimento de uma sala de aula especialmente treinada ou para profissional um-a-um, alterando ambientes de teste ou de expectativas, adequando currículos, oferecendo suporte visual ou equipamentos de adaptação, etc. O departamento de educação especial deve proporcionar formação, estratégias e apoio à equipe de educação geral e outros membros da comunidade escolar em geral, que interagem com alunos com necessidades especiais (MANUAL PARA AS ESCOLAS, 2011)

Para Mrech (1998), a escola inclusiva é um local onde todos os educandos têm as mesmas chances, onde as oportunidades, possibilidades educacionais e as características individuais estão marcadas pela igualdade entre as pessoas. “O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 3). Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos.

Quando se fala em inclusão de crianças autistas em escolas de ensino regular, é necessário que essa escola possua uma estrutura e profissionais capacitados no processo de alfabetização do indivíduo, pois é o professor que muitas vezes não tem formação acadêmica para lidar com crianças com tão característica atípica. Diante disso, além do papel de mediador, o professor também deve assumir o papel de incluir esse aluno na “realidade” escolar, fazendo com que esse aluno se adapte a rotina e tenha um processo de assimilação dos conteúdos efetivo. Por isso, Santos (2008, p. 9) afirma:

A escola tem papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de integração social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maiores dificuldades em se adaptar às regras sociais – o que é muito difícil para um autista.

O docente deve desenvolver a autonomia do aluno para que ele atinja maiores conquistas em sua carreira escolar. Mas, para que isso ocorra é necessário que o professor tenha didática e entenda que cada aluno precisa ser instigado a desenvolver habilidades como: consciência sensório motor, fino e grosso, como em atividades que envolvem utilização de pinças, jogos com botões, garrafas pets, estímulos de toque em materiais fofos como almofadas entre outros (KHOURY et al., 2014).

Outro fator importante é o docente acompanhar a chegada da criança dando a ela boas-vindas e acolhimento. Deve-se também entrevistar os pais/cuidadores, dando ênfase nos pontos positivos do docente, deve se colocar em pauta também as hipersensibilidades, os medos, as hesitações, e o nível de aprendizagem do aluno. O professor deve conhecer e entender sobre o autismo compreender que seu aluno apresenta dificuldades e que através do afeto ele deve motivar e desenvolver a autoestima desse indivíduo. Com isso, o aluno e o professor criaram um vínculo necessário para que o aluno se desenvolva (BRITES, 2019).

Além disso, é necessário que o professor elabore atividades em grupo, conseguindo assim inserir esse aluno nas atividades propostas, com isso, o aluno pouco a pouco irá aceitando esse processo de socialização de maneira natural. Mas, para que isso ocorra é necessário o professor trabalhar em sala atividades que falam sobre bullying, autoestima e diferenças que existe entre as pessoas tanto em relação a cor quanto em relação a fatores físicos.

Apesar disso, é de grande relevância que o professor faça adaptações curriculares para que consiga atender as necessidades do aluno e que também cumpra os conteúdos exigidos pelo currículo escolar. Essas adaptações são importantes, para que o aluno consiga acompanhar as aulas e desenvolva as atividades de forma eficiente e interativa, favorecendo assim o desenvolvimento de competências e habilidades no aluno (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

3 METODOLOGIA

Para realização deste estudo foi realizada pesquisa bibliográfica, que consiste na elaboração de um projeto baseado em leitura de livros e artigos acadêmicos. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo foi possível verificar que o autismo ou também conhecido como TEA é um transtorno do desenvolvimento, podendo aparecer os primeiros sinais no primeiro ano de vida, não apresenta um padrão característicos de sinais ou sintomas o que torna difícil o diagnóstico. Verificou-se também que o autismo pode ser do tipo um, dois e três, dependendo, do grau de gravidade estabelecido pela intensidade dos sintomas.

Sobre as estratégias educacionais foi possível identificar que a criança autista necessita seguir rotinas, estar em ambientes com poucos estímulos visuais e auditivos, dependendo do grau de autismo carece de ser apresentado o uso de cartões como meio de comunicação alternativa. Há ainda a necessidade que a equipe escolar desenvolva métodos de sociabilização da criança, maior flexibilidade e adaptação do currículo escolar, oferecendo formas diversificadas para se trabalhar os conteúdos com alunos autistas. Sempre respeitando a realidade e desenvolvimento de cada criança.

Outro fator verificado foi a importância da formação continuada para os professores, pois docentes capacitados influenciam diretamente na forma que ele trabalhará e desenvolverá o discente em sala de aula, desenvolvendo assim competência e habilidades em alunos autistas.

Conclui-se que uma equipe escolar interessada, bem estruturada e que entende que as adaptações curriculares são necessárias para que alunos com espectro consigam ser incluídos tanto socialmente quanto no processo de ensino aprendizagem. E que a união da escola junto com núcleo familiar conseguirá desenvolver melhores resultados para a vida do discente.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-IV**. 4. ed. Washington D/C: American Psychiatric Association, 1994.

BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (Org.). **Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERSCH, R.; SATO, M. L. **Tecnologia assistiva (T.A.) e processo de avaliação nas escolas**. Porto Alegre - RS, 2017. Disponível em: <<https://www.assistiva.com.br>>. Acesso em: 21 set. 2022.

BORDINI, D.; BRUNI, A. R. Transtornos do Espectro autista. In: ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigues Affonseca. **Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 219-230.

BRASIL. **CID-10: Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 - descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Ministério da Saúde, 1998.

BRITES, L. **Mentes únicas: aprenda a como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial**. São Paulo: Gente, 2019.

COLL, C. et al. **Desenvolvimento Psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CUNHA, N. H. S. Distúrbios do Comportamento. In CAMARGOS JÚNIOR, W. (Org.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento**. Brasília: Corde, 2002. p. 122-127.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca-Espanha. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

FURTADO, F. **Educação infantil: saberes e práticas de inclusão**. 2. ed. Brasília. Ministério da educação especial, 2003.

GALVÃO FILHO, T. **As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais?** In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL, Fortaleza, MEC, 2002. Disponível em: <<https://www.galvaofilho.net/comunica.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2022.

KHOURY, L. P. et al. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar.** São Paulo: Memnon, 2014.

LEAR, K. **Ajude-nos a aprender: um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido.** 2. ed. Toronto, Ontario - Canada, 2004.

MANUAL PARA AS ESCOLAS. **Autismo & Realidade.** 2011. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf>. Acesso em: 07 out. 2022.

MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo.** 2. ed. Brasília: Editora Guia Prático, 2003.

MONTE, F. R. F. do. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento.** Brasília: MEC, 2004.

MRECH, L. M. O que é educação inclusiva? **Revista Integração**, Brasília, a. 8, n. 20, p. 37-39, 1998.

SANTOS, A. M. T. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar.** São Paulo: CRDA, 2008.

SEABRA, M.; MENDES, E. G. **Escolha dos recursos de alta tecnologia assistiva para a inclusão de crianças com paralisia cerebral.** Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/167.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2022.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo.** Fontanar, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7133021-Mundo-singular-entenda-o-autismo.html>>. Acesso em: 12 out. 2022.

SMITH, D. D. **Introdução a educação especial: ensinar em tempos de inclusão.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.